



# Comentário Exegético de Ezequiel 33–39 (KJA)

Uma análise acadêmica versículo a versículo dos capítulos 33 a 39 do livro de Ezequiel, explorando a profecia do atalaia, a restauração de Israel e a vitória escatológica de Deus sobre as nações.

[Iniciar Leitura](#)

[Sobre o Autor](#)

# Capítulo 33 – O Atalaia (v. 1–9)

Neste bloco de abertura do capítulo 33, Deus comissiona Ezequiel para exercer a função profética do **atalaia** — figura central na teologia ezequielina da responsabilidade. A metáfora militar do sentinela que observa o horizonte em busca da "espada iminente" estabelece o paradigma da advertência divina endereçada a Israel.

## Versículos 1–3 — A Comissão Profética

Deus designa formalmente Ezequiel como atalaia sobre a casa de Israel. A imagem do sentinela que vê a espada aproximar-se e toca a trombeta constitui um modelo de pregação responsável. A advertência não é opcional: é mandato divino. Cf. Sabrina de Paula (2025) sobre a função profética em contextos de crise nacional.

## Versículos 4–9 — A Responsabilidade do Ouvinte

O texto é cristalino: se o atalaia avisa e o povo ignora, *o sangue recai sobre o próprio ouvinte*. Mas se o atalaia silencia, o sangue do povo será cobrado de sua mão. Esta dialética estabelece a dupla responsabilidade — do proclamador e do receptor — como fundamento da justiça divina em Ezequiel. A ação profética não é meramente retórica, mas salvífica.

# Capítulo 33 – Responsabilidade e Arrependimento (v. 10–20)

Este segmento contém uma das declarações teológicas mais sublimes do Antigo Testamento sobre a [misericórdia divina](#). Deus não delicia-se com a destruição do pecador, mas com sua conversão — revelando um Deus que prefere redenção ao julgamento.

## v. 11–12 — A Misericórdia Divina

"Não tenho prazer na morte do ímpio, mas que se converta" — essa confissão divina é o núcleo teológico do capítulo. Revela o caráter redentor de Yahweh em contraposição a uma visão meramente retributiva.

## v. 13–15 — Justiça Dinâmica

A retidão passada não garante salvação futura se houver apostasia. De igual modo, a impiedade prévia não condena quem genuinamente se converte. A justiça divina opera no presente, não apenas no histórico moral do indivíduo.

## v. 16–18 — O Contraponto Moral

O texto constrói um rico contraponto entre o justo que perece e o ímpio que se arrepende. Ambas as possibilidades são reais, indicando que a relação com Deus é sempre dinâmica e responsiva à escolha humana.

## v. 19–20 — Julgamento Segundo os Caminhos

Deus julgará cada um conforme seus caminhos — eco de uma teologia de retribuição individual. Cf. Diego Nascimento (2019) sobre a ética da responsabilidade pessoal na literatura profética do período exílico.

# Capítulo 33 – Queda de Jerusalém e Hipocrisia (v. 21–33)

A segunda metade do capítulo 33 é marcada por um evento histórico de grande impacto: a chegada do **fugitivo de Jerusalém** com a notícia da destruição da cidade. Este evento liberta a língua do profeta e abre uma nova fase no seu ministério.

1

## v. 21–23 — O Mensageiro

Um fugitivo relata a queda da cidade. A voz de Ezequiel se abre — cumprindo a promessa anterior de silêncio até o momento da catástrofe. A profecia se confirma historicamente.

2

## v. 24–27 — Acusações Graves

Os sobreviventes ainda reivindicam a terra, mas são acusados de idolatria e práticas abomináveis, incluindo o consumo de sangue — violações da aliança que justificam o julgamento contínuo.

3

## v. 28–33 — A Hipocrisia Exposta

O povo clama por justiça enquanto perpetua o mal. Ezequiel denuncia que sua devoção aparente é performance — ouvem as palavras do profeta como música agradável, mas não as obedecem.

# Capítulo 34 – O Pastor de Israel (v. 1–10)

O capítulo 34 inaugura uma das alegorias mais ricas da literatura profética: a metáfora do **pastor e do rebanho**. Deus, através de Ezequiel, dirige uma acusação formal contra os líderes de Israel que exploraram o povo em vez de servi-lo.

## Versículos 2–4 — Líderes que Exploram

A denúncia é direta: os pastores "se alimentam" das ovelhas em vez de alimentá-las. A metáfora descreve líderes que se servem de sua posição para enriquecimento pessoal, negligenciando os fracos, os enfermos e os dispersos. Trata-se de uma crítica devastadora à liderança religiosa e política de Israel no período pré-exílico.

## Versículos 5–10 — O Pastor Verdadeiro

Em contraste com os falsos pastores, Deus promete enviar "**Meu servo Davi**" — uma referência messiânica ao ideal davídico de liderança. Este pastor conduzirá o povo à pastagem segura, cuidará dos feridos e buscará os perdidos. A imagem antecipa o bom pastor do Novo Testamento (João 10).

- Busca os dispersos
- Cuida dos enfermos
- Conduz a pastagens seguras
- Governará com justiça

# Capítulo 34 – Juízo e Restauração (v. 11–22)

A narrativa avança do julgamento dos pastores corruptos para a intervenção direta de Deus como o [Supremo Pastor de Israel](#). Yahweh anuncia que Ele mesmo cuidará de Seu rebanho — uma promessa de restauração pastoral sem precedentes na literatura profética.

1

## v. 11–16 — Deus Pastor

"Cuidarei delas eu mesmo" — declaração de soberania pastoral divina. Deus buscará as ovelhas perdidas, reunirá as dispersas e curará as feridas. Esta afirmação é um dos textos mais comoventes do Antigo Testamento sobre o cuidado divino pela humanidade vulnerável.

2

## v. 17–19 — Julgamento entre Ovelhas

Deus também julga entre as próprias ovelhas — as "gordas" que empurram as fracas e tomam os melhores pastos. Este detalhe expande a metáfora para incluir também a responsabilidade dos membros do povo entre si, não apenas dos líderes.

3

## v. 20–22 — Aliança Renovada

Deus promete reunir as ovelhas dispersas e estabelecer com elas uma aliança de paz. Os pastos abundantes e a vida em segurança constituem a herança do rebanho fiel. A restauração é tanto espiritual quanto material, envolvendo terra, comunidade e identidade nacional.

# Capítulo 35 – O Vale de Seir (v. 1–10)

O capítulo 35 interrompe o fluxo das promessas para endereçar um oráculo específico contra **Edom (Seir)**. A escolha de Edom como objeto de julgamento não é acidental — os edomitas se alegraram com a queda de Jerusalém e aproveitaram-se da desgraça de seus irmãos descendentes de Esaú.

## Versículos 1–5 — Memória e Justiça

Deus lembra publicamente a hostilidade perpétua de Edom contra Israel, incluindo sua colaboração com os inimigos durante a invasão babilônica. A expressão "ódio eterno" (*eivah olam*) descreve uma animosidade que transcendeu gerações e chegou ao ponto de cumplicidade no derramamento de sangue inocente.

O texto fundamenta o julgamento na memória histórica — Deus não esquece as injustiças praticadas contra os Seus.

## Versículos 6–10 — Desolação Total

A sentença divina é de uma severidade proporcional: "não haverá mais habitante" em Seir. As montanhas de Edom, símbolo de fortaleza e orgulho geográfico, serão reduzidas a desolação. A expressão "sangue te perseguirá" estabelece a lei do talião divino — quem derramou sangue, verá sangue.

- Desolação das montanhas
- Extinção dos habitantes
- Retribuição proporcional

# Capítulo 35 – O Fim da Injustiça (v. 11–15)

A conclusão do oráculo contra Edom aprofunda a dimensão teológica do julgamento. Não se trata de uma vingança política, mas de uma afirmação solene da **soberania moral de Deus** sobre as nações que desprezam Seu povo e Sua aliança.

## v. 11–13 — Povo de Desolação

Deus promete que Edom se tornará "povo de desolação" — uma inversão simbólica poderosa. Os que celebraram a ruína alheia habitarão a própria ruína. A soberba de Edom, expressa nas palavras "estas duas nações serão minhas", é confrontada com a realidade da soberania divina.

## v. 14–15 — A Espada da Justiça

O capítulo encerra com a imagem da justiça divina como "espada que corta o orgulho". Edom será objeto de alegria para as nações da mesma forma que se alegrou com a queda de Israel. O princípio é universal: *o escárnio retorna ao escarnecedor*. A santidade de Deus exige equidade histórica.

📖 **Nota Exegética:** O julgamento de Edom em Ezequiel 35 deve ser lido em paralelo com Obadias, onde a mesma acusação de cumplicidade com a queda de Jerusalém é desenvolvida com ainda maior detalhe histórico e teológico.

# Capítulo 36 – Promessa de Renovação (v. 1–15)

Em contraste com o oráculo de destruição sobre Edom, o capítulo 36 inaugura uma das mais exuberantes **profecias de restauração** do livro de Ezequiel. A terra de Israel — humilhada, pisoteada pelas nações — receberá a promessa de purificação e reconhecimento divino.



## v. 1–5 — A Terra Purificada

Deus dirige Sua palavra diretamente às *montanhas de Israel*, personificando a terra como receptora das promessas. A terra será "purificada" da contaminação da idolatria e do derramamento de sangue, e o povo será "reconhecido" entre as nações como possessão divina.



## v. 6–10 — Fertilidade Restaurada

A restauração é descrita em termos de fecundidade agrícola: "rios de água viva" e "colheitas abundantes". O deserto floresce — imagem que na literatura profética sempre aponta para a intervenção sobrenatural de Deus na história. A criação responde ao decreto divino de restauração.



## v. 11–15 — O Espírito Derramado

O clímax desta seção anuncia o derramamento do Espírito Santo sobre o povo restaurado. Vida nova brotará do deserto da experiência exílica. Esta promessa do Espírito antecipa o cumprimento pentecostal e aponta para a nova criação escatológica em que o próprio Deus habitará em Seu povo.

# Capítulo 36 – Bênção da Terra (v. 16–38)

A segunda metade do capítulo 36 apresenta a **teologia da aliança renovada** em sua expressão mais plena. Deus não restaura Israel por mérito do povo, mas em honra ao Seu próprio nome — revelação fundamental da graça divina que transcende qualquer sistema de mérito humano.

## v. 16–20 — Nação Santa

Deus promete que Israel será "povo santo" que "habitará em segurança". A santidade aqui não é conquista humana, mas dom divino que transforma a identidade nacional do povo restaurado.

1

## v. 28–33 — Justiça como Base Social

A nova ordem social será fundamentada na justiça divina. A vergonha do passado será lembrada não para condenar, mas para aprofundar o arrependimento e a gratidão. A ética emerge do encontro com a graça, não precede este encontro.

3

4

## v. 21–27 — Aliança com os Patriarcas

A aliança renovada com Abraão, Isaque e Jacó é reafirmada. A terra será "possessão eterna". O versículo 26 contém a promessa do "coração de carne" em substituição ao "coração de pedra" — transformação interior como fundamento da renovação nacional.

## v. 34–38 — "Eu Sou o Senhor"

"Eu sou o Senhor que vos santifico" — a doxologia final do capítulo. O conhecimento de Deus como meta última de toda restauração. As nações reconhecerão que Yahweh é Senhor quando virem Israel restaurado em sua terra.

# Capítulo 37 – O Vale dos Ossos Secos (v. 1–14)

A visão do **vale dos ossos secos** é, sem dúvida, uma das passagens mais impactantes de toda a Bíblia Hebraica. Trata-se de uma visão apocalíptica de ressurreição nacional que combina poder poético, teologia profunda e esperança escatológica de maneira incomparável.

## 1 Versículos 1–6 — A Pergunta Impossível

Deus transporta Ezequiel em visão para um vale repleto de ossos completamente secos — imagem do exílio como morte nacional. Então formula a pergunta teológica central: "*Filho do homem, poderão viver estes ossos?*" A resposta de Ezequiel — "Senhor Deus, tu o sabes" — é modelo de fé diante do impossível. Deus então ordena ao profeta que profetize sobre os ossos.

## 2 Versículos 7–10 — O Sopro Vivificador

Com estrondo e tremor, os ossos se unem, tendões e carne os recobrem — mas falta o sopro vital. Ezequiel profetiza ao vento (*ruach*), e o Espírito entra nos corpos. "Somente o Senhor pode fazer isso" — a ressurreição é ato exclusivamente divino, não produto de esforço humano ou vitalidade residual.

## 3 Versículos 11–14 — A Interpretação Divina

Deus explica: os ossos são a casa de Israel que diz "nossa esperança pereceu". A visão é metáfora da restauração nacional pós-exílica. Mas a linguagem de "abrir sepulcros" e "ressuscitar" também aponta além do retorno histórico, em direção à esperança escatológica da ressurreição universal.

# Capítulo 37 – Unificação das Tribos (v. 15–28)

A segunda metade do capítulo 37 apresenta um **ato profético simbólico** de enorme significado político-teológico: a união dos dois varinhos que representam o reino do norte (Efraim/Israel) e o reino do sul (Judá). A divisão política que marcara o povo desde Roboão seria finalmente superada.

## v. 15–17 — O Sinal dos Dois Varinhos

Ezequiel é instruído a tomar dois varinhos e neles escrever os nomes dos reinos divididos, depois uni-los em uma só mão. O gesto profético antecipa a unificação que Deus realizará. A separação secular entre norte e sul é declarada temporária diante do propósito divino eterno.

## v. 18–22 — Um Só Rei

Deus promete "unir" as duas nações sob um único rei — novo Davi —, estabelecendo uma monarquia unificada que nunca mais será dividida. Esta promessa reativa o ideal davídico como paradigma do governo escatológico, onde liderança e povo encontram sua unidade em Deus.

## v. 23–28 — O Reino Eterno

O capítulo culmina na promessa do "reino eterno" e da presença permanente de Deus entre Seu povo. "Meu tabernáculo estará com eles" — a habitação divina no meio de Israel é o alvo último de toda a história profética. As nações reconhecerão que Yahweh santifica Israel por Sua presença contínua.

# Capítulo 38 – Gog, o Inimigo de Israel (v. 1–9)

Os capítulos 38 e 39 constituem um dos textos escatológicos mais debatidos de toda a profecia bíblica. A figura de **Gog, de Magog**, representa a coalizão final de nações que se levantará contra Israel restaurado — e será destruída pela intervenção direta de Deus.

## Versículos 1–4 — Identidade de Gog

Gog é identificado como "príncipe supremo de Mesech e Tubal" — referências históricas a povos da Anatólia (atual Turquia), conhecidos na literatura assíria como Muski e Tabal. A identificação exata permanece objeto de debate entre intérpretes judaicos, patrísticos e modernos. O que é claro é que Gog simboliza o poder hostil máximo contra o povo de Deus.

## Versículos 5–9 — O Exército da Coalizão

Pérsia, Cush e Put se juntam à campanha de Gog, compondo uma força multinacional de proporções ameaçadoras. Paradoxalmente, Deus afirma que Ele mesmo trará Gog "sobre a terra de Israel" — revelando Sua soberania sobre os próprios inimigos de Seu povo. O mal é instrumentalizado para revelar a glória divina.

# Capítulo 38 – A Batalha Final (v. 10–23)

A narrativa da batalha contra Gog alcança seu clímax com a **intervenção sobrenatural de Deus**. Nenhum exército humano derrota Gog — é Yahweh quem age diretamente, revelando Sua soberania absoluta sobre o curso da história.



## v. 10–14 — A Coalizão se Reúne

Gog reúne exércitos de Pérsia, Cush, Put, Gômer e Togarma, formando "um exército imenso como nuvem que cobre a terra". A reunião das nações é motivada pela cobiça — Israel restaurado, rico e desarmado, parece presa fácil para os invasores orgulhosos.

## v. 15–20 — A Intervenção Divina

No momento do ataque, Deus intervém com "grande agitação", terremoto, pestilência, chuva de torrentes, pedras de granizo, fogo e enxofre. O arsenal divino é incomparavelmente superior ao de qualquer potência militar. A derrota de Gog é total, retumbante e inequívoca.

## v. 21–23 — O Reconhecimento da Glória

Israel testemunha a vitória e reconhece a soberania de Deus. As nações também contemplam o julgamento e são forçadas a reconhecer que Yahweh é o Senhor. O propósito último da batalha não é a destruição do inimigo, mas a glorificação do nome divino diante de toda a criação.

# Capítulo 39 – A Derrota de Gog (v. 1–8)


O capítulo 39 descreve em detalhes vívidos e simbólicos a **consumação do julgamento sobre Gog**. O contraste entre o poder aparente da coalizão inimiga e sua destruição absoluta amplifica dramaticamente a mensagem da soberania divina.

## Versículos 1–4 — A Destruição Descrita

A profecia detalha a destruição de Gog com imagens de impacto visceral: "os cadáveres se espalharão como esterco nos campos". Gog cairá nos montes de Israel, e as aves de rapina e as feras devorarão seus corpos — imagem invertida do sacrifício, onde as vítimas são os próprios agressores. O Senhor derruba o arco e as flechas da mão do inimigo.

## Versículos 5–8 — O Vale de Hamom

O "vale de Hamom-Gog" (vale da multidão de Gog) será o local de sepultamento do exército derrotado. O processo de purificação da terra durará sete meses — número simbólico da completude. A terra de Israel será purificada da contaminação do sangue derramado pelos invasores. "Isso é o que determinei" — a palavra divina é cumprida com exatidão.

 **Perspectiva Escatológica:** Muitos intérpretes identificam a batalha de Gog com o Armagedom do Apocalipse (Ap 20:8), conectando a profecia de Ezequiel ao cumprimento escatológico final descrito pelo apóstolo João.

# Capítulo 39 – O Santuário Restaurado (v. 9–16)

Após a devastação da guerra, o texto volta ao tema da **restauração sagrada**. O santuário — símbolo da presença divina — será reconstruído e a glória de Deus encherá novamente o espaço sagrado de Israel, renovando a aliança e a identidade do povo.

## v. 9–12 — O Templo Reconstruído

Deus promete que o templo será "reconstruído" e que o povo trará ofertas generosas ao santuário restaurado. Sete anos serão necessários para queimar os despojos de guerra transformados em combustível — símbolo de que a vitória divina provê sustento abundante para a comunidade de fé. A destruição do inimigo alimenta literalmente a vida do povo.

## v. 13–16 — A Glória Habitando

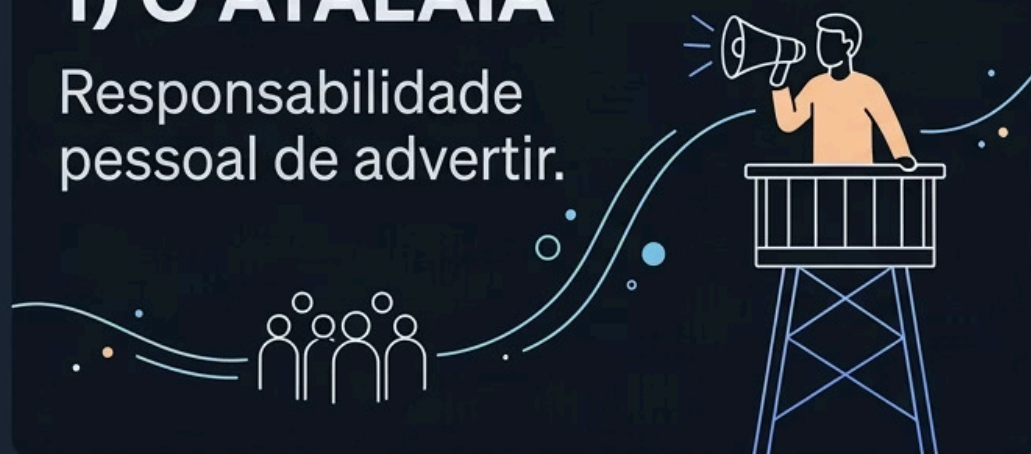
"A minha glória habitará entre eles" — o versículo mais solene desta seção. A presença divina, que partira do templo na visão de Ezequiel 10–11, agora retorna em caráter permanente. A identidade de Israel como "povo de Deus" é restaurada em sua dimensão mais plena: não apenas a terra, não apenas a nação, mas a *presença* do Eterno em seu meio.

# Análise Temática – Responsabilidade Individual vs. Coletiva

Um dos fios teológicos mais coesos que atravessa os capítulos 33–39 é a tensão criativa entre **responsabilidade individual** e **responsabilidade coletiva**. Ezequiel não dissolve essa tensão — ele a mantém e a aprofunda como chave hermenêutica para compreender tanto o julgamento quanto a restauração de Israel.

## 1) O ATALAIA

Responsabilidade pessoal de advertir.



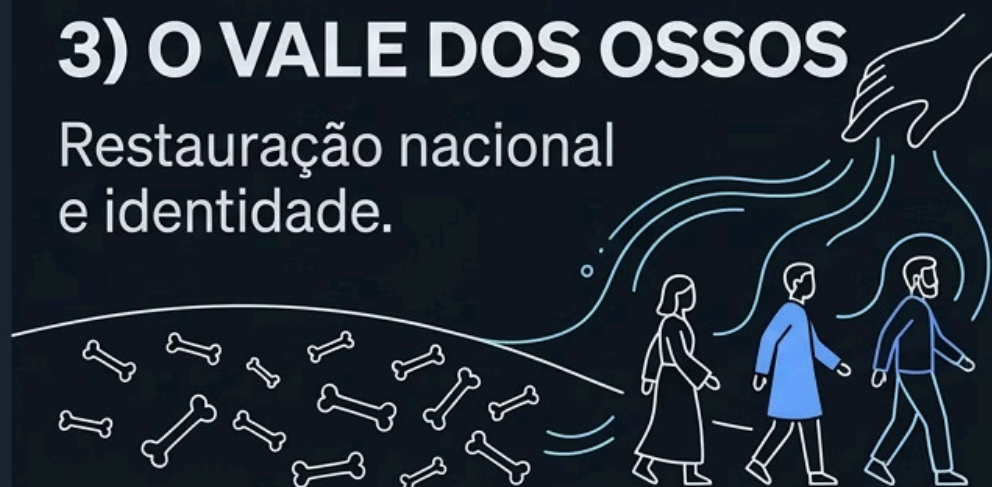
## 2) O PASTOR

Responsabilidade coletiva dos líderes.



## 3) O VALE DOS OSSOS

Restauração nacional e identidade.



## 4) A BATALHA DE GOG

Israel como nação santa e testemunho.



Esta estrutura quádrupla revela que a teologia ezequielina não é individualista nem meramente coletivista — é *comunitária* no sentido mais profundo: cada indivíduo responsável fortalece o coletivo, e o coletivo saudável nutre cada indivíduo. A salvação é pessoal e nacional ao mesmo tempo.

# Aplicação Pastoral – O Atalaia Hoje

A figura do **atalaia profético** de Ezequiel 33 não pertence exclusivamente ao século VI a.C. Ela interpela diretamente pregadores, líderes eclesiais e conselheiros espirituais do século XXI, desafiando-os a assumir a responsabilidade sagrada da palavra proclamada.



## O Pregador como Atalaia

Pregadores contemporâneos podem e devem usar o modelo de Ezequiel para alertar suas comunidades sobre as "espadas" do presente: desumanização, injustiça econômica, relativismo ético, vazio espiritual. A pregação que evita o confronto por medo de desconforto trai a vocação profética. O atalaia que silencia diante da ameaça torna-se cúmplice da tragédia.



## O Conselheiro e o Sangue nas Mãos

Conselheiros espirituais precisam internalizar o peso do versículo: "o sangue será sobre a cabeça" de quem ignora o aviso divino. Isso não gera paralisia por medo, mas responsabilidade motivada pelo amor. O bom conselheiro não diz apenas o que o aconselhado quer ouvir — diz o que ele precisa ouvir, com verdade e compaixão.

# Conclusão – O Futuro da Esperança Profética

Os capítulos 33 a 39 de Ezequiel compõem uma **sinfonia profética** que move da acusação ao julgamento, e do julgamento à restauração gloriosa. O Deus que condena com seriedade é o mesmo que restaura com magnificência — e é precisamente essa combinação que torna a profecia de Ezequiel teologicamente poderosa e pastoralmente transformadora.

## A Terra Cheia da Presença Divina

As promessas de restauração dos capítulos 36 e 37 apontam para um futuro onde "a terra será cheia da presença do Senhor". Não se trata apenas de retorno geográfico, mas de renovação ontológica — nova criação, novo coração, novo Espírito. A escatologia de Ezequiel é radicalmente esperançosa porque fundamentada no caráter imutável de Deus.

## Nenhum Inimigo Prevalecerá

A derrota de Gog (capítulos 38–39) assegura que "nenhum inimigo poderá mais ameaçar o povo de Deus". O poder das nações, por mais intimidador que pareça, está sob o controle soberano de Yahweh. Esta certeza é fundamento inabalável para a fé da comunidade crente em qualquer época histórica de adversidade ou perseguição.

# 7

### Capítulos Analisados

Ezequiel 33 a 39, cada um com sua voz profética única.

# 37

### Visão Central

O vale dos ossos secos — símbolo máximo da esperança nacional restaurada.

# 48

### Capítulos Totais

Ezequiel é um dos maiores livros proféticos da Bíblia Hebraica.

## Jônatas Silva da Cruz — Teólogo

"Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais."

— **Jeremias 29:11 (KJA)**

Este comentário exegético foi elaborado com rigor acadêmico e devoção pastoral, com o propósito de iluminar as riquezas teológicas do livro de Ezequiel para leitores, estudantes e ministros da Palavra. Que a luz da Escritura continue guiando cada coração que busca a verdade divina.

### Teólogo

Jônatas Silva da Cruz

### Especialidade

Profecia Bíblica e Exegese do Antigo  
Testamento

### Texto Base

Versão King James em Português (KJA)

 SOLA SCRIPTURA

 AD GLORIAM DEI